



OLHOS GRANDES PARA VER, ORELHAS GRANDES PARA OUVIR: A PESQUISA COM CRIANÇAS COMO EXPERIÊNCIA FORMATIVA NA DOCÊNCIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Janaina Schock Strappazzon; janaina.s@prof.smed.ijui.rs.gov.br; UFSM

Luciléia Belter; lucileia.b@prof.smed.ijui.rs.gov.br; SMED - Ijuí

Modalidade: Artigo

Área Temática: Formação Inicial e Continuada de Professores

RESUMO

Este artigo apresenta reflexões derivadas de uma pesquisa qualitativa realizada no contexto da Educação Infantil, desenvolvida a partir de uma inspiração etnográfica no cotidiano escolar. O estudo teve como objetivo compreender as culturas infantis e analisar de que modo a escuta das crianças pode se constituir como uma experiência formativa para a docência. A pesquisa foi realizada em uma escola pública situada em contexto de periferia, envolvendo crianças de cinco a seis anos, por meio de observação participante, registros em diário de campo, rodas de conversa, desenhos e fotografias produzidas pelas próprias crianças, além de visitas às residências de algumas famílias. Os resultados evidenciam que, quando as crianças são reconhecidas como sujeitos sociais e produtoras de cultura, emergem saberes, linguagens e experiências frequentemente invisibilizados pela cultura escolar tradicional. Esse processo desloca o lugar da professora, que passa de transmissora de conteúdos a pesquisadora de sua própria prática, promovendo uma docência mais sensível, dialógica e contextualizada. Argumenta-se que a pesquisa com crianças, além de estratégia metodológica, constitui-se como potente dispositivo de formação inicial e continuada de professores, contribuindo para práticas pedagógicas mais humanizadas, inclusivas e comprometidas com a diversidade das infâncias contemporâneas.

Palavras-chave:

Educação Infantil; Formação de Professores; Culturas Infantis; Pesquisa com Crianças; Docência.

ABSTRACT

This paper presents reflections derived from a qualitative study conducted in the context of Early Childhood Education, based on an ethnography-inspired approach to everyday school life. The research aimed to understand children's cultures and to analyze how listening to children can become a formative experience for teaching practice. The study was carried out in a public school located in a socially vulnerable area and involved children aged five to six years.



Data were generated through participant observation, field notes, conversation circles, drawings and photographs produced by the children, as well as home visits to some families. The findings reveal that when children are recognized as social subjects and cultural producers, knowledge, languages and experiences often silenced by traditional school culture become visible. This process repositions the teacher from a content transmitter to a researcher of her own practice, fostering a more sensitive, dialogical and contextualized form of teaching. The study argues that researching with children, beyond a methodological choice, constitutes a powerful device for initial and continuing teacher education, contributing to more humanized, inclusive and culturally responsive pedagogical practices.

Keywords: Early Childhood Education; Teacher Education; Children's Cultures; Research with Children; Teaching Practice.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, os estudos sobre a infância têm provocado deslocamentos significativos nos modos de compreender as crianças, suas experiências e suas relações com a escola. Pesquisas oriundas da Sociologia da Infância e da Antropologia da Criança vêm questionando concepções tradicionais que reduzem a criança à condição de sujeito em desenvolvimento, incompleto ou meramente preparatório para a vida adulta. Em contraposição, essas abordagens afirmam a criança como sujeito social, histórico e cultural, produtora de sentidos e participante ativa das dinâmicas sociais das quais faz parte. Esse movimento teórico tem implicações diretas para a Educação Infantil, especialmente no que diz respeito às práticas pedagógicas, à formação docente e às formas de escuta e participação das crianças no cotidiano escolar.

Apesar dos avanços teóricos, observa-se que a incorporação dessas perspectivas nas práticas educativas ainda ocorre de maneira desigual. Em muitos contextos escolares, especialmente em instituições públicas situadas em territórios marcados por desigualdades sociais, persistem práticas pedagógicas fortemente orientadas por modelos escolarizantes, adultocêntricos e normativos. Nessas práticas, a criança tende a ser concebida prioritariamente como “aluno”, e não como sujeito de experiências, saberes e culturas próprias. Como consequência, os conhecimentos produzidos pelas crianças em seus contextos familiares, comunitários e lúdicos permanecem frequentemente invisibilizados ou desvalorizados no espaço escolar.

Nesse cenário, emerge um problema central que orienta este estudo: de que modo a escuta das crianças e a investigação de suas culturas podem se constituir não apenas como estratégia pedagógica, mas como experiência formativa para a docência na Educação Infantil? A questão se torna particularmente relevante quando se considera a formação inicial e continuada de professores, uma vez que muitos processos formativos ainda privilegiam abordagens prescritivas, distantes do cotidiano escolar e pouco sensíveis às complexidades das infâncias contemporâneas.



Este artigo parte da compreensão de que a docência na Educação Infantil não pode ser pensada dissociada da pesquisa, sobretudo quando se pretende construir práticas pedagógicas mais humanizadas, inclusivas e contextualizadas. A pesquisa com crianças, nesse sentido, é entendida não apenas como procedimento metodológico, mas como um modo de estar no mundo pedagógico, que exige do professor deslocamentos epistemológicos, éticos e afetivos. Trata-se de reconhecer que ouvir as crianças implica rever certezas, questionar hierarquias de saber e produzir conhecimento a partir da experiência vivida no cotidiano escolar.

O estudo que fundamenta este artigo foi desenvolvido em uma escola pública de Educação Infantil localizada em um contexto de periferia urbana, envolvendo crianças de cinco a seis anos. A investigação buscou compreender as culturas infantis presentes no cotidiano da sala de aula e nos territórios de vida das crianças, bem como refletir sobre as implicações desse processo para a formação e atuação docente. A pesquisa foi inspirada na etnografia, utilizando uma abordagem qualitativa que privilegiou a observação participante, registros em diário de campo, rodas de conversa, produções gráficas e fotográficas realizadas pelas próprias crianças, além de visitas às residências de algumas famílias.

Ao adotar essa abordagem, o estudo dialoga com autores que defendem a centralidade da experiência, da escuta e da alteridade na produção de conhecimento educacional. Pesquisas nesse campo apontam que a aproximação entre professor e crianças, mediada por práticas investigativas sensíveis ao cotidiano, possibilita a construção de uma docência mais reflexiva e comprometida com a diversidade de modos de ser criança. No entanto, ainda são escassos os estudos que exploram de forma aprofundada as tensões, aprendizagens e transformações vividas por professores que assumem simultaneamente os papéis de docentes e pesquisadores em contextos reais de Educação Infantil.

Dessa forma, este artigo se insere em uma lacuna importante do campo educacional: a necessidade de compreender a pesquisa com crianças como dispositivo formativo para professores, especialmente no âmbito da formação continuada. Embora existam investigações que abordam metodologias participativas e escuta infantil, poucas analisam de maneira sistemática como esses processos impactam a constituição da identidade docente, a reorganização do planejamento pedagógico e as relações entre adultos e crianças na escola.

A partir desse contexto, o objetivo principal do artigo é analisar como a pesquisa com crianças, inspirada na etnografia do cotidiano escolar, pode se constituir como uma experiência formativa para a docência na Educação Infantil. De modo específico, busca-se: (a) compreender como as culturas infantis se manifestam no cotidiano escolar e extraescolar; (b) analisar os deslocamentos produzidos na prática docente a partir da escuta das crianças; e (c) refletir sobre as contribuições desse processo para a formação de professores.

Como hipótese central, sustenta-se que a escuta das crianças e o reconhecimento de suas culturas produzem transformações significativas na prática docente, favorecendo a construção de uma docência mais dialógica, sensível e contextualizada. Parte-se da proposição de que a



pesquisa com crianças contribui para a descolonização do olhar adulto e para a superação de práticas pedagógicas centradas exclusivamente na transmissão de conteúdo, aproximando a docência de uma perspectiva formativa baseada na experiência, no diálogo e na participação.

A motivação desta pesquisa é justamente a percepção de que algo precisa mudar no sistema educacional atual. Não temos a resposta certa ou a receita do que pode ser feito, pois cada contexto é singular. No entanto, conhecer as crianças com quem nos relacionamos diariamente é uma tarefa urgente e necessária, e, talvez uma eficaz medida para, enquanto educadoras, contribuir com a educação das crianças em um contexto específico, em tempo singular.

Durante a pesquisa, descobriu-se que dados importantes a respeito das crianças podem facilmente ser adquiridos nas suas fichas de matrícula e entrevistas com familiares, mas o cotidiano mostrou que tais informações só são válidas e fazem sentido se olharmos para as crianças, observarmos suas ações e escutarmos suas falas com atenção, respeito e interesse pelo que elas têm a nos dizer. À semelhança do lobo da história Chapeuzinho Vermelho, a docência na Educação Infantil exige olhos grandes para observar atentamente as culturas da infância e orelhas grandes para escutar as vozes das crianças. Contudo, é igualmente necessário manter a boca pequena, reduzindo a centralidade da fala adulta para possibilitar maior expressão infantil. Esse equilíbrio constitui uma estratégia fundamental para tensionar a lógica adultocêntrica que historicamente organiza as relações na sala de aula.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este estudo fundamenta-se nos aportes da Sociologia da Infância (Sarmiento, 2011) e da Antropologia da Criança (Cohn, 2005), campos teóricos que, desde o final do século XX, vêm promovendo um deslocamento epistemológico significativo na compreensão da infância e das crianças no âmbito das ciências humanas e da educação. Essas abordagens questionam concepções tradicionais que definem a criança a partir da ausência, da incompletude ou da imaturidade biológica, propondo compreendê-la como sujeito social pleno, historicamente situado e culturalmente ativo. Conforme Delalande (2011), há uma aproximação cada vez maior do olhar dos sociólogos e dos antropólogos para as crianças na escola, uma ciência complementa a outra com teorias e conceitos, gerando investigações chamadas socioantropológicas, caracterizadas “pelo fato de se interessarem, em primeiro lugar, pelo ponto de vista das crianças e por usarem mais facilmente os métodos etnográficos” (Delalande, 2011, p.67).

A partir dessa perspectiva, a infância é concebida como categoria social plural, atravessada por condições históricas, sociais, culturais e territoriais específicas. Não se trata, portanto, de uma infância universal e homogênea, mas de múltiplas infâncias que se constituem nas relações cotidianas e nos contextos concretos de vida das crianças. Esse entendimento orienta o principal constructo do estudo: o conceito de culturas infantis. As culturas infantis são compreendidas como os modos próprios pelos quais as crianças interpretam, significam e recriam o mundo



social, expressando-se por meio do brincar, das linguagens corporais, da oralidade, dos desenhos, das narrativas e das interações com pares e adultos.

Conhecer as culturas infantis é condição indispensável para a construção de uma docência sensível às especificidades da infância contemporânea, uma vez que há a necessidade de melhor conhecer as crianças e a especificidade do universo social e cultural do qual fazem parte, a fim de construir uma docência que considere a infância e seus saberes. Este exercício nos faz romper preconceitos e ideias pré-concebidas, elementos inerentes para o êxito de uma investigação em ambiente escolar, o qual não foi possível realizar sem antes refletir sobre nossos vínculos de pertencimento, sobre quem somos e o que nos constituiu, e os porquês de querer realizar esse tipo de pesquisa e com tais crianças. Foi necessário um exercício de estranhamento, desnaturalizando nossas dores, sentimentos, pertencimentos, com a certeza de que os dados gerados, as circunstâncias analisadas, as falas registradas, não estariam neutras do que nos atravessa como sujeitos adultos, educandos, buscando “a interpretação em lugar da mensuração, a descoberta em lugar da constatação” (Gatti e André, 2011, p.30).

Essa afirmação sustenta a crítica à cultura escolar hegemônica, frequentemente marcada por práticas pedagógicas normativas, adultocêntricas e descontextualizadas, que tendem a invisibilizar ou deslegitimar os saberes produzidos pelas crianças fora dos parâmetros escolares.

Estudos na dimensão da cultura tem nos proporcionado conhecimentos sobre a constituição dos sujeitos escolares e a suas produções de significados os quais vêm demandando diferentes ações curriculares, questionando nossas ações pedagógicas e institucionais que até o momento vinham orientando as práticas e relações com a infância. Tais estudos colocam em debate a identidade cultural dos sujeitos da modernidade e sua não fixidez, movimento produzido pela globalização e seu intenso fluxo que “descentra o sujeito”, o que se reflete nos saberes/fazer do cotidiano.

Reconhecer tal movimento nos permite rever nossas concepções de cultura e nossa capacidade de interpretá-la também com relação à educação da pequena infância. Na conjuntura atual, no contexto de um mundo globalizado com a consequente hibridização de culturas e identidades (Boaventura, 2009; Canclini, 1997), cotidianamente colocam-se diante dos professores crianças e adolescentes que vivem intensamente as influências desse contexto social global. No entanto, ainda temos dificuldades para lidar com tal diversidade e heterogeneidade dos sujeitos. Percebe-se que, dentre as instituições sociais mais importantes da sociedade, a escola ainda é uma das mais resistentes às mudanças nos modos de ver e se adaptar a novas formas de interagir com os sujeitos, que resistem ao nosso modo atual de gerir a escola.

No cotidiano da escola, tais práticas se expressam na centralidade do planejamento rígido, no cumprimento de conteúdos e rotinas e na redução das crianças à condição de alunos. Nesse cenário podemos afirmar que, frequentemente, algo muito importante está ficando de fora desta ordem nervosa de serviço: os sujeitos infantis, os motivos principais da existência da instituição escolar. Essa crítica evidencia a tensão entre cultura escolar e culturas infantis, especialmente



em contextos de periferia, nos quais as experiências das crianças são atravessadas por desigualdades sociais, territoriais e econômicas.

Outro eixo teórico central do estudo é a noção de experiência, compreendida como fundamento da formação humana e docente. Inspirado em Larrosa (2002), enfatizamos que a experiência não se reduz à acumulação de informações ou técnicas, mas diz respeito à produção de sentidos sobre aquilo que nos acontece. Nesse sentido, afirma-se que “pensar não é somente ‘raciocinar’ ou ‘calcular’ ou ‘argumentar’, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece” (Larrosa, 2002, p. 21).

Essa concepção sustenta a compreensão da docência como prática formativa em permanente construção, atravessada por encontros, afetos, escutas e deslocamentos. A pesquisa com crianças, nesse contexto, é entendida como experiência formativa para o professor, que ao assumir o papel de professor-pesquisador, necessita desacomodar-se das ‘certezas’ construídas a respeito das crianças, dos modos como aprendem e se relacionam.

Pesquisar com crianças implica exercitar o estranhamento, relativizar saberes adultos e reconhecer as crianças como interlocutoras legítimas na produção do conhecimento pedagógico. Esse movimento articula-se à pedagogia da participação, outro constructo fundamental do estudo. A participação infantil é concebida como direito e como princípio organizador das práticas educativas; e participar significa influir diretamente nas decisões e envolve negociação, diálogo e reconhecimento das crianças como atores sociais no cotidiano escolar.

Assim, a escuta das crianças deixa de ser um recurso pontual e passa a constituir-se como fundamento ético, político e pedagógico da docência na Educação Infantil. Dessa forma, o modelo teórico desse estudo estrutura-se na articulação entre culturas infantis, experiência, escuta e participação, sustentando a docência investigativa como eixo formativo. Ao integrar esses constructos, a pesquisa propõe compreender a Educação Infantil como espaço de produção de sentidos compartilhados, no qual crianças e professores aprendem conjuntamente. A pesquisa com crianças, portanto, configura-se como dispositivo central para a formação inicial e continuada de professores, contribuindo para práticas pedagógicas mais humanizadas, democráticas e comprometidas com a diversidade das infâncias contemporâneas.

METODOLOGIA

A geração dos dados para a pesquisa ocorreu ao longo de um ano letivo completo, permitindo acompanhar o cotidiano da turma em diferentes momentos, situações e atividades. Foram utilizados múltiplos métodos e instrumentos, de modo a favorecer a triangulação dos dados e a ampliação das possibilidades interpretativas.

Observação participante:



A observação participante constituiu o principal método de investigação. Foram acompanhadas diariamente as atividades da turma, participando das rotinas, das brincadeiras, das rodas de conversa, das propostas pedagógicas e das interações espontâneas entre as crianças e entre crianças e adultos. A observação não se limitou ao espaço da sala de aula, estendendo-se ao pátio, aos espaços comunitários próximos à escola e às visitas realizadas às residências.

Essa observação foi orientada por um exercício sistemático de estranhamento, buscando desnaturalizar práticas, discursos e interpretações adultas previamente cristalizadas, conforme discutido na fundamentação teórica.

Diário de campo:

Os registros da observação foram realizados em diários de campo, com descrições detalhadas das situações vivenciadas, falas das crianças, interações significativas, impressões e reflexões analíticas preliminares. Devido à condição de professoras-pesquisadoras, nem sempre foi possível registrar os acontecimentos no momento exato em que ocorriam; nesses casos, os registros eram realizados ao final do turno, buscando preservar a riqueza dos detalhes observados.

O diário de campo também funcionou como instrumento reflexivo, permitindo explicitar tensões, dúvidas, aprendizados e deslocamentos produzidos ao longo da pesquisa.

Rodas de conversa:

As rodas de conversa foram utilizadas tanto como prática pedagógica quanto como estratégia de pesquisa. Esses momentos possibilitaram a escuta coletiva das crianças, favorecendo a expressão de narrativas, opiniões, memórias e percepções sobre suas experiências na escola, no bairro e em casa. As rodas foram registradas por meio de anotações no diário de campo, priorizando a fidelidade às falas infantis.

Produções gráficas e visuais das crianças:

As crianças foram convidadas a produzir desenhos, mapas e registros gráficos relacionados às suas casas, famílias, percursos no bairro e elementos significativos de seu cotidiano. Além disso, foram utilizadas fotografias produzidas pelas próprias crianças durante as visitas às residências, com câmeras disponibilizadas pelas pesquisadoras.

Esses materiais foram compreendidos como formas legítimas de linguagem e produção de conhecimento, fundamentais para acessar o ponto de vista das crianças.

Visitas às residências:

As visitas domiciliares constituíram um importante procedimento metodológico, permitindo conhecer os contextos de vida das crianças para além do espaço escolar. Durante as visitas, as crianças atuavam como mediadoras, apresentando seus espaços, objetos, relações familiares e animais, enquanto a pesquisadora observava, escutava e registrava.



Procedimentos de análise dos dados:

A análise dos dados seguiu os princípios da análise qualitativa interpretativa, realizada de forma processual e concomitante à geração dos dados. Não houve aplicação de softwares de análise qualitativa; o tratamento dos dados foi realizado manualmente, por meio de leitura dos diários de campo, organização dos registros visuais e confronto entre diferentes fontes de informação.

O processo analítico envolveu as seguintes etapas:

1. Leitura flutuante dos registros, buscando identificar recorrências, temas emergentes e situações significativas;
2. Agrupamento temático dos dados, considerando eixos como culturas infantis, relações escola-família, participação infantil e deslocamentos na prática docente;
3. Articulação entre dados empíricos e referencial teórico, buscando interpretar os significados atribuídos pelas crianças às suas experiências;
4. Análise reflexiva da prática docente, explicitando aprendizagens, tensões e transformações vividas pela professora-pesquisadora.
5. A interpretação privilegiou a compreensão dos sentidos produzidos no cotidiano, evitando generalizações e reconhecendo o caráter situado da pesquisa.

Rigor metodológico e replicabilidade:

O rigor da pesquisa foi assegurado por meio da descrição densa do contexto, da permanência prolongada no campo, da triangulação de métodos e da explicitação das posições da pesquisadora. A metodologia descrita permite que outros pesquisadores repliquem ou ampliem o estudo em contextos semelhantes, adaptando os instrumentos às especificidades locais, sem perder os princípios éticos e epistemológicos que orientaram a investigação.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados da pesquisa evidenciam que a escuta das crianças e a investigação de suas culturas, quando assumidas como princípio metodológico e pedagógico, produzem efeitos significativos tanto na compreensão da infância quanto na constituição da docência na Educação Infantil. A análise dos dados, realizada de forma interpretativa e processual, permite discutir esses achados à luz das hipóteses de trabalho e em diálogo com estudos anteriores do campo da Sociologia da Infância e da Antropologia da Criança, que fundamentam teoricamente a investigação.

A hipótese central que orientou o estudo sustentava que a pesquisa com crianças, inspirada na etnografia do cotidiano, poderia constituir-se como uma experiência formativa para a docência, favorecendo práticas pedagógicas mais sensíveis, dialógicas e contextualizadas. Os dados empíricos confirmam essa proposição, ao demonstrar que o contato sistemático com os modos de vida, as linguagens e as interpretações das crianças provocou deslocamentos relevantes na prática docente e na organização do cotidiano escolar.



Um primeiro conjunto de resultados diz respeito à ampliação da compreensão sobre as culturas infantis. As visitas às residências, os passeios pelo bairro e os registros produzidos pelas próprias crianças revelaram universos simbólicos que permaneciam, em grande medida, invisíveis no espaço escolar. Esses achados corroboram estudos anteriores que defendem a necessidade de compreender a infância em contexto, considerando que as crianças constroem significados a partir de suas experiências cotidianas e das relações sociais que estabelecem. Ao evidenciar a centralidade do território, da família e das relações comunitárias na vida das crianças, a pesquisa reafirma a crítica às concepções universalizantes de infância e fortalece a noção de múltiplas infâncias social e culturalmente situadas.

A interpretação desses resultados dialoga diretamente com a literatura que sustenta que as crianças são produtoras de cultura e não apenas reprodutoras de modelos adultos. Na pesquisa, essa produção cultural manifestou-se de maneira evidente nas narrativas, nos desenhos, nos mapas e nas fotografias realizadas pelas crianças, que expressaram leituras singulares do espaço social e do cotidiano. Esses dados reforçam a hipótese de que as linguagens infantis constituem formas legítimas de produção de conhecimento, o que implica questionar práticas pedagógicas que privilegiam exclusivamente a linguagem verbal e escrita como meios válidos de aprendizagem.

Outro eixo central de resultados refere-se à participação infantil e aos seus efeitos nas relações pedagógicas. A análise dos dados indica que, à medida que as crianças passaram a ocupar um lugar mais ativo nas rodas de conversa e nas decisões do cotidiano, houve um aumento significativo do engajamento, da cooperação e da circulação de saberes entre pares. Esses achados estão em consonância com estudos que defendem a pedagogia da participação como condição para a efetivação dos direitos das crianças e para a construção de práticas educativas democráticas.

Do ponto de vista interpretativo, os dados permitem afirmar que a participação infantil não se configura apenas como estratégia metodológica, mas como princípio organizador da prática pedagógica. A escuta das crianças produziu um deslocamento na posição da professora, que passou a atuar menos como controladora do processo e mais como mediadora e pesquisadora do cotidiano. Esse resultado confirma a proposição de que ouvir as crianças implica uma revisão das hierarquias tradicionais de saber, deslocando o professor do lugar exclusivo de detentor do conhecimento.

A discussão desses achados evidencia também as tensões entre cultura escolar e culturas infantis, especialmente no que diz respeito às expectativas de comportamento, aos tempos escolares e às formas de aprender. Em diversos momentos da pesquisa, práticas espontâneas das crianças inicialmente interpretadas como desvio ou indisciplina revelaram-se, à luz da análise, expressões legítimas de suas culturas e modos de significar o mundo. Esse resultado dialoga com estudos críticos que apontam como a escola tende a patologizar ou deslegitimar práticas infantis que não se alinham aos padrões normativos instituídos.



A partir dessa constatação, os dados sustentam a hipótese de que a escuta das crianças contribui para a descolonização do olhar docente, permitindo reinterpretar situações cotidianas e reconhecer nelas potenciais pedagógicos antes ignorados. Essa descolonização não ocorre de forma automática ou isenta de conflitos; ao contrário, a análise evidencia que o processo foi marcado por inseguranças, dúvidas e necessidade constante de reflexão por parte das professoras-pesquisadoras. No entanto, é justamente nesse movimento de tensão que se produzem aprendizagens formativas significativas.

Do ponto de vista das implicações teóricas, os resultados reforçam a centralidade da infância como categoria social e da docência como prática relacional e investigativa. Ao articular empiricamente os conceitos de culturas infantis, experiência, escuta e participação, o estudo contribui para consolidar um modelo teórico que compreende a Educação Infantil como espaço de produção compartilhada de sentidos, no qual crianças e adultos aprendem conjuntamente. Essa articulação amplia o debate teórico ao evidenciar que a formação docente não se dá apenas em espaços formais de capacitação, mas no cotidiano vivido da escola, por meio da pesquisa e da reflexão sobre a prática.

No que se refere às implicações gerenciais e pedagógicas, os resultados indicam que práticas de escuta e pesquisa com crianças podem impactar a organização institucional da Educação Infantil. A valorização das culturas infantis exige maior flexibilidade curricular, abertura à imprevisibilidade e reorganização dos tempos e espaços escolares. Além disso, aponta para a necessidade de políticas de formação continuada que reconheçam o professor como produtor de conhecimento e incentivem práticas investigativas no cotidiano escolar. Nesse sentido, os resultados oferecem subsídios para gestores e formuladores de políticas educacionais interessados em promover práticas mais inclusivas e humanizadas na Educação Infantil.

Os resultados deste estudo devem ser compreendidos à luz de seu caráter situado. A investigação desenvolveu-se em um contexto escolar específico, com um grupo particular de crianças, o que não permite extrapolações generalizantes. A atuação da pesquisadora como professora da turma favoreceu uma imersão prolongada no campo, mas também exigiu permanente exercício reflexivo para tensionar leituras excessivamente marcadas pela experiência pessoal. Essas características não fragilizam o estudo, mas evidenciam sua natureza qualitativa e contextual. Ao mesmo tempo, abrem caminhos para pesquisas futuras em outros contextos educacionais, bem como estudos comparativos, longitudinais e análises que articulem participação infantil, formação docente e políticas curriculares na Educação Infantil.

Em síntese, os resultados e sua discussão indicam que a pesquisa com crianças não apenas amplia o conhecimento sobre as infâncias, mas transforma a docência, configurando-se como potente dispositivo formativo. Ao aprender com as crianças, a escola se aproxima de uma pedagogia mais democrática, sensível e comprometida com a diversidade das experiências infantis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Este estudo teve como objetivo analisar de que modo a pesquisa com crianças, inspirada na etnografia do cotidiano escolar, pode se constituir como uma experiência formativa para a docência na Educação Infantil. Partindo de uma investigação qualitativa desenvolvida em uma escola pública situada em contexto de periferia, buscou-se compreender as culturas infantis a partir do ponto de vista das próprias crianças e refletir sobre os deslocamentos produzidos na prática docente quando a escuta infantil é assumida como princípio pedagógico.

Os resultados alcançados permitem afirmar que os objetivos propostos foram atendidos, na medida em que a pesquisa evidenciou a centralidade das culturas infantis na construção de práticas pedagógicas mais sensíveis, contextualizadas e dialógicas. Ao reconhecer as crianças como sujeitos sociais e produtoras de cultura, o estudo demonstrou que emergem saberes, linguagens e experiências frequentemente invisibilizados pela cultura escolar tradicional. Esses achados reforçam a compreensão de que as infâncias não são homogêneas e que suas formas de significar o mundo estão profundamente vinculadas aos contextos territoriais, familiares e comunitários nos quais as crianças vivem.

Do ponto de vista teórico, o artigo contribui para o campo da Educação Infantil ao fortalecer a interlocução entre Sociologia da Infância, Antropologia da Criança e estudos sobre formação docente. Ao articular os conceitos de culturas infantis, experiência, escuta e participação, o estudo propõe um modelo teórico que compreende a docência como prática investigativa e formativa, construída no encontro com as crianças e com seus modos singulares de estar no mundo. Essa articulação amplia o debate sobre a infância para além de abordagens desenvolvimentistas, reafirmando a criança como sujeito de direitos e protagonista dos processos educativos.

No âmbito prático-pedagógico, a principal contribuição do estudo reside na demonstração de que a pesquisa com crianças pode funcionar como um potente dispositivo de formação inicial e continuada de professores. A experiência da professora-pesquisadora evidenciou que a observação participante, a escuta atenta e o registro sistemático do cotidiano favorecem a reflexão crítica sobre a prática docente, possibilitando a revisão de concepções naturalizadas e a reorganização do planejamento pedagógico. Os resultados indicam que práticas baseadas na participação infantil contribuem para o fortalecimento dos vínculos pedagógicos, para o aumento do engajamento das crianças e para a construção de ambientes educativos mais democráticos e humanizados.

Apesar de suas contribuições, o estudo apresenta algumas limitações que precisam ser consideradas. A pesquisa foi realizada em um contexto específico, com um grupo restrito de crianças, o que não permite generalizações para outros contextos educacionais. Além disso, a condição da pesquisadora como professora da turma, embora tenha possibilitado uma aproximação aprofundada do campo, também impôs desafios relacionados ao registro sistemático dos dados e à necessidade constante de exercício reflexivo sobre sua posição no



processo investigativo. Tais limitações, no entanto, não invalidam os resultados, mas reforçam o caráter situado e interpretativo da pesquisa qualitativa.

Essas limitações apontam, igualmente, para oportunidades de pesquisas futuras. Estudos realizados em outros contextos sociais, culturais e institucionais podem ampliar a compreensão sobre as culturas infantis e os efeitos da escuta das crianças na prática docente. Investigações comparativas entre diferentes escolas ou redes de ensino, bem como pesquisas que acompanhem processos formativos de professores ao longo do tempo, podem aprofundar a análise dos impactos da docência investigativa na Educação Infantil. Além disso, há espaço para estudos que explorem a articulação entre participação infantil, políticas públicas e currículos oficiais, contribuindo para a consolidação de práticas educativas mais coerentes com os direitos das crianças.

Conclui-se, portanto, que ouvir as crianças e pesquisar com elas não constitui apenas uma opção metodológica, mas um compromisso ético, político e pedagógico com a construção de uma Educação Infantil mais justa e significativa. Ao aprender com as crianças, a docência se reinventa, deslocando-se de modelos prescritivos para práticas baseadas na experiência, no diálogo e no reconhecimento da diversidade das infâncias contemporâneas.

Referências

CORSARO, William A. Sociologia da infância. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GADAMER, Hans-Georg. Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

NÓVOA, António. Os professores e a sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

NÓVOA, António. Professores: imagens do futuro presente. Lisboa: Educa, 2009.

NÓVOA, António. Entre a formação e a profissão: ensaio sobre o modo como nos tornamos professores. Currículo sem Fronteiras, v. 17, n. 3, p. 1106–1123, 2017.

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, António (org.). Os professores e a sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 2020. p. 15–34.

23 a 25 de Março de 2026 | Evento 100% Online

CONGRESSO INTERNACIONAL **IDEA 2026**

Inovação, Diálogo e Experiências na Aprendizagem

Educação e Humanidade: Conectando
Inteligências, Cultura e Propósito Global.



QVORTRUP, Jens. A infância enquanto categoria estrutural. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 32, n. 113, p. 683–700, 2011.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Sociologia da infância: correntes e confluências. In: SARMENTO, M. J.; GOUVEA, M. C. S. (org.). *Estudos da infância: educação e práticas sociais*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 17–39.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. *Revista Educação & Sociedade*, Campinas, v. 32, n. 113, p. 599–618, 2011.

TOMÁS, Catarina. Participação não tem idade: participação das crianças e cidadania da infância. *Contexto & Educação*, Ijuí, v. 22, n. 78, p. 45–68, 2007.